

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SUL-AMERICANA EM MATÉRIA DE DEFESA

Palavras do Ministro de Estado da Defesa, Celso Amorim, na Abertura do I Seminário Sul-Americano sobre Monitoramento de Áreas Especiais

Manaus, 15 de Agosto de 2013

A realização deste seminário inicia um projeto adotado durante a última reunião do Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS), realizada em novembro de 2012, em Lima.

A proposta de um diálogo sobre o monitoramento de áreas especiais foi elaborada em função dos pedidos de diversos países para o compartilhamento do nosso sistema de gerenciamento e monitoramento aplicado à Amazônia, o chamado Sivam-Sipam.

O projeto prevê o aproveitamento de conhecimentos adquiridos pelo nosso Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (CENSIPAM) para criar um Sistema Sul-Americano de Monitoramento de Áreas Especiais.

Ao longo dos onze anos de existência, o CENSIPAM acompanhou e implementou políticas, diretrizes e ações voltadas para a proteção da região amazônica nas áreas de meteorologia, preservação ambiental, combate aos ilícitos, amparo de reservas indígenas, proteção de recursos minerais estratégicos e defesa das áreas de fronteira.

Sempre teve, assim, um aspecto civil e militar.

O Seminário que hoje se inicia será o primeiro passo para estabelecermos as bases do Sistema de Monitoramento Sul-Americano. Será um ambiente para a troca de informações sobre o funcionamento do Sistema de Proteção da Amazônia e sobre a disponibilidade e funcionamento dos recursos tecnológicos utilizados por nossos países na proteção de suas áreas estratégicas.

As aplicações do novo sistema não se limitam, porém, à Amazônia. Devem atender as necessidades de cada país.

A efetividade do sistema se dará através da ação multilateral, que permitirá a interação entre todos os países da região. Não será, portanto, apenas um diálogo bilateral entre Brasil e um determinado País, mas um amplo diálogo que congregue todos os membros da Unasul.

Nos próximos dois dias teremos valiosa oportunidade para aprofundar o intercâmbio de pontos de vista e descobrir novas possibilidades de cooperação bilateral e regional.

Ao lado de iniciativas como o Registro Sul-Americano de Gastos de Defesa, o Centro de Estudos Estratégicos, o Curso Avançado de Defesa, entre outros, a criação do Sistema de Monitoramento demonstra a vontade dos países sul-americanos de fortalecer a confiança, ampliar a cooperação e consolidar a América do Sul como uma zona de paz.

Ao incluí-lo em seu Plano de Ação de 2013, o Conselho de Defesa Sul-Americano já dá mais um passo significativo rumo à construção de uma identidade sul-americana em matéria de defesa.

Falo de identidade porque as nossas riquezas e os nossos desafios devem ser vistos por uma ótica sul-americana.

Não podemos permitir que políticas alheias à nossa realidade prevaleçam.

Ao identificarmos interesses comuns, mediante um processo que respeite a pluralidade e a diversidade de nossos países, seremos capazes de criar políticas sul-americanas baseadas em uma cooperação autêntica.

A proposta de criação de uma Escola Sul-Americana de Defesa vai ao encontro dessa ideia: impulsionar o pensamento estratégico sul-americano, a partir de uma visão multifacetada, que integre as iniciativas promovidas por diferentes centros de estudos e de formação existentes nos países da Unasul.

A nossa riqueza é a nossa diversidade.

O objetivo é criar uma doutrina sul-americana de defesa, que trate do conflito e da cooperação de forma inovadora, que não se baseie em teorias que nasceram alheias à nossa realidade.

Há poucos anos, um estudante de Relações Internacionais quase não encontraria bibliografia em português e espanhol. Se encontrassem, naturalmente eram traduções.

Os trabalhos que analisavam a América do Sul eram escassos ou elaborados por pessoas que não viviam a nossa realidade.

Isso está mudando. Os centros de pesquisas dedicados ao nosso subcontinente estão se multiplicando e já são numerosas as publicações a partir de uma perspectiva sul-americana.

Esse processo de reflexão vem acompanhando o surgimento da América do Sul como entidade política e não mais como uma simples região geográfica.

A consolidação da democracia nos nossos países foi fator essencial para essa transformação, na medida em que permitiu a superação de antigas rivalidades e incluiu a sociedade civil nas decisões das políticas públicas.

A essas mudanças somaram-se as transformações do cenário global. O fim da Guerra Fria possibilitou aos países da região maior liberdade para perseguir um projeto integrador baseado em seus próprios interesses econômicos, políticos, sociais e culturais.

As esporádicas reuniões que ocorriam no passado deram lugar a um robusto processo de integração em diferentes níveis.

A primeira Cúpula de Chefes de Estado da América do Sul, ocorrida em Brasília em agosto de 2000, foi importante passo para a formação de um espaço sul-americano.

O Acordo de Livre Comércio assinado entre a Comunidade Andina e o Mercosul, em 2004, envolveu praticamente toda a América do Sul e lançou as bases para a criação da Comunidade Sul-Americana de Nações, a Casa, embrião da Unasul.

A então Ministra colombiana dizia que com aquele acordo estavam criando uma área de Livre Comércio na América do Sul.

Se inicialmente eram as questões comerciais que nos uniam, a Unasul, criada em 2008, concretizou a integração sul-americana nos mais diversos campos: energia, saúde, defesa, infraestrutura e planejamento, desenvolvimento social, educação, ciência, tecnologia, economia e por último, mas não menos importante, o problema mundial das drogas

Desde a sua criação, atuou de forma importante na solução pacífica de controvérsias envolvendo países ou até mesmo, em alguns casos, envolvendo facções dentro de um país (se solicitado pelo país em causa).

Em 2009, durante reunião em Bariloche, os líderes do continente aprovaram declaração por meio da qual se comprometeram a *“estabelecer um mecanismo de confiança mútua em matéria de defesa e segurança”*, um instrumento valioso para o fortalecimento da estabilidade, da paz e da cooperação na América do Sul.

A criação do Conselho de Defesa Sul-americano serviu para assumirmos o dever e o direito de prover a nossa própria defesa.

O compromisso de abstenção do uso da força contra a integridade territorial de qualquer de nossos Estados é outro pilar de nossa cooperação.

Hoje, a América do Sul caminha para se tornar uma Comunidade de Segurança, não no sentido que se usou tantas vezes na América do Sul, mas no sentido que o cientista político Karl Deutsch conferiu a esta expressão: uma comunidade de Estados soberanos entre os quais a guerra é impensável.

Os Planos de Ação do CDS atestam a variedade de áreas em que a cooperação sul-americana é possível, promovendo a confiança mútua e ratificando a prevenção de conflitos como esteio da política institucional da Unasul.

Destaco a realização de diferentes cursos e seminários, como o já citado Curso Avançado de Defesa, o Curso de Defesa para Civis, o Seminário sobre Ciência e Tecnologia, o Seminário sobre Proteção de Recursos Naturais, entre outros, que fomentam o entendimento e facilitam o diálogo.

Temos cooperado na área de tecnologia e indústria de defesa.

Temos projeto de construção de um Navio Patrulha Fluvial, com a Colômbia e o Peru.

O desenvolvimento do Avião de Treinamento Básico, Unasul I, projeto inicialmente da Argentina, mas que está sendo feito com base em requisitos comuns e planejado para atender às necessidades militares similares dos países da região.

Outra área indicada no Plano de Ação é a cooperação em matéria de defesa cibernética, cuja importância e urgência ficaram evidentes com as notícias que se divulgaram nas últimas semanas.

Quando trabalhamos em conjunto, somamos esforços e fortalecemos a região.

Demonstramos que, entre nós, a cooperação é a melhor dissuasão.

No plano global, entretanto, não podemos nos iludir com a relativa paz das últimas décadas.

Em um mundo de contornos não totalmente definidos, caracterizado por uma multipolaridade ainda incipiente, mas marcado por inúmeras incertezas, não temos como prever se a cooperação prevalecerá sobre o conflito.

Não podemos, portanto, descuidar da nossa defesa.

Na América do Sul, dispomos de vastíssimos recursos energéticos, minerais, vegetais, humanos, de biodiversidade, e de um recurso cada vez mais escasso e mais importante, a água, entre outros.

A história nos ensina que não podemos ignorar a possibilidade de que os ativos de nossa região se tornem objeto de competição e cobiça internacional, por mais pacíficas que sejam nossas orientações políticas e por mais voltados que estejamos para o diálogo e para a negociação.

Ao agirmos em comunhão, estaremos mais protegidos das ameaças à segurança da América do Sul. Essa comunhão de interesses e ações também fortalecerá os países da região a dissuadir ameaças extrarregionais.

Nossa reflexão sobre o papel da América do Sul no Sistema Internacional deve estar fundamentada na identidade democrática e não conflitiva que distingue nossa região.

Deve basear-se no debate e no diálogo franco e honesto, respeitoso da diversidade e promotor dos princípios que nos unem, como a solução pacífica de controvérsias, o respeito à soberania e a prevalência dos direitos humanos, para citar alguns.

Este seminário soma-se a outras iniciativas da Unasul como espaço de discussão da estratégia rumo à construção de uma identidade sul-americana em matéria de defesa.

Agradeço a presença de todos e declaro aberto o I Seminário Sul-Americano sobre Monitoramento de Áreas Especiais.

Muito obrigado.